

6/Cor. Drasif

Opinião

31 MAR 1991

# Diálogo sem retórica

**A**gravidade da crise econômica que hoje aflige o País, com inquietantes implicações de ordem social, atinge tal magnitude que já não se pode imaginar o encaminhamento de soluções sem um amplo entendimento nacional. A despeito dos fracassos das tentativas anteriores de se estabelecer uma saída negociada para a conjuntura adversa, este jornal não abdicará de sua convicção de que não há alternativa possível à entendimento, pacto, ou seja qual for a expressão que se utilize, que não implique o prolongamento da recessão, o aprofundamento das desigualdades sociais e que não culmine na instabilidade social e política.

Não resta dúvida de que o entendimento representa um desafio para a sociedade civil e para cada segmento do Estado. Alcançá-lo implica necessariamente abrir mão de projetos particulares e de interesses setoriais. A adoção de tal postura exige dos interlocutores e, em menor dose, de seus representados, atos de grandeza e de despreendimento. Este comportamento, é preciso reconhecer, torna-se raro em política, não por uma vilania inerente a esta área da atividade humana, mas sim porque a própria razão de ser da política é a distribuição do poder.

Em grande medida, a gravidade da crise é a razão pela qual se torna difícil dela escapar de forma ordenada e consensual. As dificuldades decorrentes da

retração das atividades, a perda do poder aquisitivo dos salários, o desemprego, a falta de liquidez e a queda da arrecadação dos governos reduzem as margens de negociação e acentuam a prioridade de cada interlocutor, fazendo com que as questões de curto prazo tendam a preponderar sobre as de médio e longo alcance.

A consequência deste estreitamento das possibilidades de fazer novas concessões e do encurtamento dos objetivos gera o que alguns cientistas políticos denominam de equação de soma zero ou de bloqueio decisório: Um fenômeno que, a princípio, minimiza os efeitos da crise, mas tende a transformá-la de crítica em crônica, de conjuntural em estrutural, e a tornar ainda mais difícil sua superação. Em termos puramente econômicos, este processo é mais conhecido e os sucessivos planos econômicos representaram precisamente tentativas de romper com esta lógica.

Embora o resultado dos planos econômicos não tenha correspondido às expectativas, há pouca constatação quanto à necessidade de medidas de impacto, capazes de romper com a inércia da crise a fim de que se possa dela sair. O mesmo ocorre em termos políticos. Para que isso se viabilize, porém, é preciso que os interlocutores se disponham efetivamente ao diálogo e que esta postura não seja meramente retórica, como tem ocorrido com algumas forças políticas.